

Bullying na Escola: um sofrimento

Marlene Silva Sardinha Gurpilhares

Doutora em Lingüística Aplicada pela PUC/SP. Professora das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA

Lúcia Maria Rangel Azevedo

Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Professora das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA

Francisca dos Santos Ferreira

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA

Wellen Costa

Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FateA

Resumo

O bullying é uma forma de violência presente nas escolas e o termo é utilizado para caracterizar todas as formas de agressões repetitivas psicológicas e físicas, direta ou indiretamente. Esta violência causa sofrimentos, intimidação e medo, sempre numa relação de poder entre pares. Esta pesquisa trata de um estudo do bullying escolar: o que é, como surgiu, como identificá-lo e sua caracterização, conseqüências, causas, o papel da escola, de professores e pais e uma proposta prática que pode ser adotada para sua prevenção e contenção. O objetivo é organizar materiais para leitura dos atores educacionais para uma possível reflexão, através de pesquisas bibliográficas. Esta violência é grave e deveria ser tratada como saúde pública, devido às conseqüências que traz, como queda na aprendizagem, na autoestima e em casos mais graves, até o suicídio e outras tragédias. A escola necessita atentar para esse tipo de violência, revendo suas ações em todos os momentos, tendo um olhar integral e diferenciado em relação aos alunos. É fundamental que o bullying não seja tratado como brincadeira de criança e para ser identificado e combatido é necessária uma ação entre a família e todos da escola, que pode ser desenvolvida através de projetos que ajudem a apontar caminhos para a solução do problema. Tais ações devem ser pautadas por constantes debates e reflexões, nas quais o aluno se torne o protagonista. Não existem fórmulas prontas, pois a intervenção deve ser feita através da realidade de cada escola.

Palavras-chave

Violência; Escola; Estudantes; Professores.

Abstract

Bullying is a violent behavior observed at schools, characterized by continuing psychological and physical aggressions between students. It brings suffering, intimidation and fear to the victim. In this study, we try to characterize and identify bullying, its causes and consequences, the role of school, teachers and parents. We also present ways to prevent it from occurring. The strategy is to prepare lectures about bullying for all people working at school. Bullying should be considered a problem of public health since its consequences can be long lasting and devastating: deficient learning, low self esteem or even tragedies like suicide. Schools must be careful about bullying and pay constant attention on students. Bullying is not a kids joke, it demands an action among family and school workers, in order to reach a solution. These actions must be under constant attention and focused on the students. There are no recipes for bullying: intervention is always made according to each school reality.

Key words

Violence; School; Students; Teachers.

Introdução

Nos últimos anos o bullying tem despertado inúmeras reflexões, apesar de ser uma violência antiga, existente em todos os países e principalmente no cotidiano escolar. As relações interpessoais por si só, geram variados conflitos, inclusive qualquer tipo de violência; dentro deste contexto encontra-se o bullying.

Toda a comunidade escolar deve empenhar-se para enfrentar as violências ocorridas em seu meio, no entanto o bullying apresenta-se de forma devastadora e cruel, devendo ser levado a sério como um problema de saúde pública. As conseqüências podem ser muito graves resultando até em tragédias.

O termo bullying é utilizado para qualificar ações violentas, como agressões, assédios, ações desrespeitosas, com intuito de maltratar, humilhar, intimidar um alvo. O autor do bullying utiliza os colegas mais propensos a serem alvos para impor sua autoridade e mantê-los sob total domínio. São meros objetos de diversão, poder e prazer, não apresentando motivos específicos ou que justifiquem suas ações.

No ambiente escolar, o professor está acostumado a lidar e resolver problemas que se referem a ele diretamente, por isso necessita-se de uma reflexão e discussão referente ao olhar do professor quanto a este assunto: o bullying.

Nesta pesquisa trataremos o tema dentro do ambiente escolar, pelo fato de ser o local mais propício para esta violência que se dissemina de forma cruel, e acima de tudo pelas graves conseqüências e danos psicológicos trazidos para os envolvidos.

Como pedagogas, queremos contribuir para que todos que estejam envolvidos nesse processo educacional conheçam esta forma de violência, saibam atuar de forma preventiva e busquem soluções efetivas para seu combate, mesmo que necessite fazer mudanças drásticas dentro de sua sala de aula, considerando um olhar e um agir diferenciados.

Embora envolva agressões físicas ou psicológicas muito antigas, somente nos últimos anos o bullying vem sendo de fato levado a sério.

Para o autor do bullying, o sofrimento do outro não é motivo para ele deixar de agir, pelo contrário, sente-se satisfeito com a opressão do agredido, supondo ou antecipando quão dolorosa será aquela crueldade vivida pela vítima.

Sozinha, a escola não consegue resolver o problema por si, mas é normalmente nesse ambiente que se demonstram os primeiros sinais de um praticante de bullying, portanto, pergunta-se: o que a escola, pais e comunidade precisam saber para prevenir e conter o bullying?

Na escola ocorrem muitas violências explícitas e o bullying está entre as mais recorrentes nesse meio.

Muitos professores, pais, escola e sociedade encontram dificuldade para sua identificação, até mesmo pela banalização do tema; por outro lado, a mídia, no intuito de ganhar audiência, utiliza-se do sensacionalismo, dando grande destaque aos fatos, sem análise de casos.

Pudemos perceber, ao longo do estágio e experiências vividas em sala de aula, casos de bullying sem que os professores mostrassem interesse em buscar soluções viáveis. Talvez não conheçam esta violência tão grave, que interfere nos processos de aprendizagem e acarreta conseqüências até para a vida adulta.

Visamos nesse trabalho, colaborar com todos os envolvidos na educação, para que o bullying dentro da escola seja conhecido, identificado, combatido, prevenido e, ao mesmo

tempo, buscamos provocar uma possível reflexão sobre o tema, bem como despertar pais e professores para a relevância do fenômeno e a urgência de adotarem medidas preventivas e de combate a esta prática.

Essa pesquisa realiza-se através dos estudos de Gil (2008), com estudo exploratório e delineamento de pesquisas bibliográficas e com a apresentação de uma proposta prática para se trabalhar o tema bullying no ambiente escolar.

Revisão da Literatura

Eclosão do bullying

A preocupação com a violência escolar é mundial, e tem suscitado cada vez mais investigações. No Brasil, esse assunto só tomou forma após o processo de democratização, nos anos 1980, segundo Sposito (2001). Em relação ao bullying, a primeira pessoa a estudar esta violência foi o professor/pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen (1978 a 1993), na Noruega. Segundo Fante (2005, p.45) esse pesquisador desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo.

Sua pesquisa iniciou com aproximadamente 84 mil alunos, de trezentos a quatrocentos professores e cerca de mil pais, avaliando a ocorrência e a sua natureza. Seu procedimento foi o uso de questionários, o que ajudou a verificar suas características e avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas. E consistiu de 25 questões com respostas de múltipla escolha, nas quais ele verifica a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais, quanto ao número de agressores, segundo Olweus (1993, apud FANTE, 2005).

Os dados dessa pesquisa foram divulgados por Olweus, em 1989, verificando que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em casos de bullying. Isso fez com que surgisse uma campanha nacional com a ajuda do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas, servindo de incentivo a outros países a adotarem campanhas de intervenção.

Em 2001, os professores Israel Figueira e Carlos Neto pesquisaram esta violência em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro, utilizando o questionário adaptado de Dan Olweus, e constataram que esta violência também ocorre em escolas do Brasil.

Frick (2011) também relatou sobre o histórico do bullying no Brasil e no mundo e constatou alguns dados: Cleodilice Aparecida Zonato Fante, realizou uma pesquisa no Brasil intitulada: “Bullying em escolas municipais do interior paulista, para reduzir e combater comportamentos agressivos”.

Em 2009, foi lançada a “Primeira Campanha Nacional de Combate ao Bullying”, sob a coordenação do CEMEOBES-DF (Centro Multidisciplinar e Orientação sobre o Bullying Escolar).

Fante (2005) relatou em seu livro os resultados alarmantes de sua pesquisa em escolas municipais do interior paulista em relação ao bullying: no primeiro estudo em 2000 na cidade de Barretos, entre 81% dos alunos que praticavam violência, 18% se caracterizaram como casos de bullying. E no último estudo, de 2002, na cidade de São José do Rio Preto, os resultados foram: 66,92% dos alunos que estavam envolvidos em ações de violência dentro da escola, 25,56% eram casos de bullying.

Quanto à lei no Brasil, segundo o jurista Gomes (2012), está tramitando no Senado

Federal um novo código penal, cujo projeto foi aprovado em 28 de maio de 2012, para sugestão de criminalização do bullying, e optou-se pelo nome “intimidação vexatória” tendo a seguinte descrição:

Art. 147: intimidação vexatória.

§2º Intimidar, constranger, ameaçar, assediar sexualmente, ofender, castigar, agredir, segregar a criança ou o adolescente, de forma intencional e reiterada, direta ou indiretamente, por qualquer meio, valendo-se de pretensa situação de superioridade e causando sofrimento físico, psicológico ou dano patrimonial. Pena – prisão de 1 a 4 anos.

O bullying é um problema mundial que a cada dia vem despertando interesse em vários pesquisadores da área de educação. É um termo da língua inglesa que se originou do verbo “to bully”, e significa agir de forma grosseira.

Segundo Fante, Pedra (2008, p.52), “o bullying existe desde que a escola existe. Porém, somente há pouco mais de três décadas é que se tornou assunto estudado, com parâmetros-científicos”.

Fante; Pedra (2008, p. 33) afirmam que:

Trata-se de uma forma quase invisível, que sorrateiramente vai diminuindo o outro, como se fosse uma espécie de “assassinato psíquico”. Suas consequências afetam todos os envolvidos, porém, os maiores prejudicados são mesmo as vítimas diretas, que suportam silenciosas o seu sofrimento.

Salientamos um fator importante observado em estudos de Monteiro (2012):

No bullying a violência acontece entre pares, entre “iguais”. Ocorre, por exemplo, de aluno para aluno, de professor para professor, entre irmãos e primos. Há uma desigualdade de poder, mas não de hierarquia.

Critérios para identificação do bullying

A partir do conceito, fica possível descrever as características do bullying, o que não acontece de forma isolada e sim através de um conjunto de ações que o caracterizam. Apresentam formas de intimidação e uma relação de desequilíbrio de poder. Uma característica importante do bullying é a presença do público ou espectador, personagem relevante que age de forma passiva ou ativa. As formas do bullying são classificadas como diretas (físicas) e indiretas (psicológicas ou verbais), segundo autores, como Silva (2010), Fante; Pedra (2008), Tognetta; Vinha (2010).

A agressão indireta ocorre sem contato físico, sendo mais difícil de identificar. E a agressão direta envolve contato físico, sendo mais fácil de identificar. O cyberbullying: refere-se a usar meios de comunicação, como internet ou celular para difamar ou criar mentiras.

Violência escolar x bullying

Hoje o termo bullying se popularizou no Brasil, mas ainda vemos muitos enganos e mitos em torno dessa violência, por isso, é fundamental saber diferenciar violência escolar de bullying. O bullying é uma violência que acontece dentro do ambiente escolar como já vimos,

mas nem toda violência escolar é bullying. Brincadeiras inofensivas acontecem quando os alunos brincam, “zoam”, colocam apelidos, dão risadas e todos se divertem.

Essas brincadeiras podem gerar o bullying, se esse aluno for sempre o alvo, não conseguindo se defender, sofrendo em silêncio. Através de tudo que já vimos até agora podemos perceber que fatos isolados, como brigas e discussões entre estudantes, quando um ofende o outro com trocas de apelidos, são situações de indisciplina e não se configuram bullying.

Os professores não sofrem bullying por parte dos alunos, mas sofrem nas salas de aula ameaças, violências, assédio moral da parte de alunos, pais e até dos gestores das escolas. Inseguros, eles quase sempre agüentam a situação e não denunciam, tornando-se reféns da própria sorte. Fante; Pedra (2008), dizem que os professores se sentem inseguros e não procuram ajuda, pois podem ser mal interpretados e vistos como incompetentes. Os pais dos autores, quando informados, geralmente nem vão à escola. Os alunos alegam estar apenas brincando e que o professor é sensível demais. Os mesmos autores (2008, p. 43-44), afirmam que:

Tal situação causa grande mal-estar aos profissionais, prejudica sua autoestima e o desempenho de suas funções, gerando acentuado estresse, desânimo e fadiga, que se refletirão nas relações familiares e com os seus alunos e colegas de trabalho.

Para não cometer enganos é necessário conhecer esse fenômeno, para saber diferenciar o que é uma brincadeira própria da idade, o que é indisciplina, brigas e o próprio bullying.

Os personagens e o papel da escola, professores e pais

Os personagens

Tognetta; Vinha (2008), explicam que é mais indicado usar os termos “alvos de bullying” e “autores de bullying”, “(...) na tentativa de evitar preconceitos por parte dos agentes que trabalham com situações problemas em que haja essa forma de violência”. Quando dizemos agressores podemos concluir que são vilões e merecem somente punições e quando dizemos vítimas, podemos acreditar que somente elas precisam de ajuda.

Os alvos

Existem três tipos de alvos: o típico, o provocador e o agressor. O alvo típico é aquele que sofre, mas não consegue reagir às provocações e agressões direcionadas a ele, não possui habilidades para tratá-las.

Essas situações ocorrem repetitivamente e o alvo tem grandes dificuldades de contar a alguém, ou pedir ajuda, sofrendo em silêncio.

Geralmente são tímidos e mais frágeis fisicamente. Vários são os motivos para se tornarem alvos para o autor do bullying, de acordo com Silva (2010), por usarem óculos, serem “caxias”, terem um nariz ou outra parte do corpo desproporcional ao seu tamanho, usarem roupas fora de moda, ou por serem de uma religião diferente da dos demais. O autor sente que o alvo não irá reagir ao ser atacado, e percebe isso através das atitudes de insegurança que ele demonstra. Um exemplo ocorrido no interior de São Paulo, numa sala de nono ano nos remete a esta triste realidade. Um garoto sempre ficava dentro da sala de aula no horário do recreio; uma professora recém-chegada à escola começou a observar esta situação,

pois o aluno sempre pedia para ir ao banheiro no começo da aula após o recreio. Achando estranha esta repetitiva situação, ela foi pesquisar entre seus colegas mais próximos da sala de aula, e descobriu que ele não gostava de sair da sala, pois muitos colegas o chamavam de pastorzinho; este fato passou a ocorrer desde a série anterior, ano em que seu pai se tornara pastor de uma igreja. Como era muito tímido, não respondia à provocação, relatou um de seus colegas. Esse garoto estudou nesta escola desde criança, e ninguém havia percebido ou tomado consciência deste fato. Ou seja, ou esta escola estava descomprometida, ou não conhecia, nem sabia identificar o bullying e suas conseqüências.

O alvo provocador é aquele que consegue despertar em seus colegas reações agressivas contra si mesmo e não consegue revidar de forma satisfatória. Geralmente são hiperativos e impulsivos, atraindo reações agressivas com as quais não sabem lidar e acabam se tornando vítimas. Lima (2008) define muito bem o alvo provocador. Geralmente, é tolo, irritante, e causa certo incômodo no ambiente onde está inserido. Sente dificuldade em se impor ao grupo, tanto física como verbalmente. Apresenta tom de voz elevado sempre que quer intimidar ou se sente provocado. Enfraquece quando se sente só.

O alvo agressor, segundo Fante (2005), são alunos que sofreram bullying e depois passam para o papel de autor, procurando um alvo para praticar esta violência. Ou seja, como um sentimento de vingança, fazem outras pessoas se tornarem vítimas.

Os autores

Podem ser de ambos os sexos, mas com formas diferentes de agir. São aqueles que praticam o bullying. Dentro da escola aterrorizam, provocam, manipulam e hostilizam os mais fracos e indefesos. Segundo Silva (2010), possuem um poder de liderança conquistado através da força física ou assédio psicológico. Quando estão acompanhados de seus seguidores, sentem-se com mais força. Desde pequenos não gostam de regras e não toleram serem contrariados e normalmente estão envolvidos em pequenos atos de delitos. Não possuem nenhum sentimento bom pelos outros, nem culpa ou remorso, o que pode ter tido origem em lares desestruturados, ou na própria personalidade. A característica que descreve e motiva o autor do bullying é tanto a popularidade, como a grande necessidade de controle e poder sobre os outros, sua grande recompensa. Fante; Pedra (2008, p. 36) enumeram as ações e os tipos de maus tratos:

(...) dentre elas apelidar, ofender, “zoar”, “sacanear”, humilhar, intimidar, “encarnar”, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, assediar, ameaçar, difamar, insinuar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, ferir, esconder, quebrar, furtar e roubar pertences. E os tipos de maus-tratos encontrados são: físico, verbal, moral, sexual, psicológico, material e virtual.

Existe uma preocupação grande com os alvos a fim de ajudá-los de várias formas, enquanto o autor é apenas julgado e reprimido, esquecendo que também é alvo dos modelos em que se espelha, do meio familiar em que vive, da escola descompromissada, ou seja, das circunstâncias. Portanto, ele também precisa de atenção, cuidado e ajuda, não apenas de punições.

Entre as meninas o bullying geralmente ocorre de formas diferentes, sendo mais difícil de identificar. Acontece dentro do círculo restrito de amigas, sendo mais sutil e apresentando mais crueldade nas agressões. Fofocam, manipulam, difamam e excluem, provocando sofrimentos psicológicos. E o alvo por medo do abandono aceita essa situação, calado. Ao serem questionados raramente explicam o motivo, e quem sofre não sabe a razão, sentindo que está errado.

Os espectadores

O espectador é aquele que está presente no momento em que o autor está em ação contra seu alvo, mas não age em defesa do alvo, ou por sentir medo de se tornar o próximo alvo, ou por ser solidário com o sofrimento do alvo, mas não ter coragem de ser o autor. O autor precisa ter público para aparecer.

Silva (2010) divide os espectadores em três grupos diferentes, classificando-os da seguinte forma: espectadores passivos, ativos e neutros.

Espectadores passivos são aqueles que têm como característica mais importante, o medo de se tornarem o próximo alvo; eles recebem ameaças para se calarem e mesmo não concordando com a situação, se sentem impossibilitados de ajudar o alvo. Esse tipo de espectador também é frágil e pode sofrer as consequências psíquicas. São espectadores necessitados de ajuda e precisam ser identificados. Espectadores ativos são aqueles que não participam diretamente das agressões, mas apóiam os autores e se divertem com a situação; podem ser os articuladores dos ataques, tramam, planejam e depois só assistem. Espectadores neutros são aqueles que só observam, não demonstram sensibilidade referente aos ataques dos agressores. Não participam das agressões. Não ofendem ninguém e não são ofendidos.

O papel da escola, professores e pais

Existem professores, que incentivam o bullying dentro da sala de aula ao assumirem atitudes de autoritarismo e intimidação, ao exporem alguns alunos ao ridículo ou a situações de humilhação, ao fazer chacotas ou tratá-los com indiferença; geram maus exemplos e por consequência a prática dessa violência. Um exemplo se refere a alguns alunos que possuem grandes dificuldades de aprendizagem e o professor expõe verbalmente para a sala, valorizando apenas aqueles que correspondem ao que ele espera. O aluno não tem coragem de reclamar, se cala, pois pensa que a culpa é dele mesmo, se julga incapaz, e quando surge uma situação de bullying contra ele, não consegue reagir. Esses professores são descomprometidos e não se interessam em inovar, mudar, melhorar a qualidade das suas aulas, colocando a culpa somente nos governantes, e consequentemente isso se junta aos outros fatores problemáticos que a educação já possui, resultando em uma sala com práticas de bullying, alunos sem motivação e sendo empurrados para o ano seguinte.

O ambiente escolar é o lugar mais propício para a ocorrência de bullying, mas pesquisas recentes revelam que quando se fala de violência dentro do ambiente escolar, os professores referem-se apenas aos problemas de indisciplina, ou seja, das regras que não são obedecidas, explica Tognetta (2010). Segundo esses estudos, as conversas paralelas na hora da explicação, o chegar atrasado à aula, o não cumprimento das tarefas pedidas e o uso de bonés, parecem ser mais importantes do que comportamentos de desrespeito, agressões físicas, verbais e psicológicas entre pares (ibid.2010).

A escola necessita estar atenta à qualidade das relações que está promovendo, no sentido de torná-las mais participativas e democráticas. É necessário que os alunos vivenciem relações solidárias e cooperativas para que tenham oportunidades de construir outras formas de solução de conflitos, resultando na diminuição de práticas do bullying, diz Frick (2011).

É fundamental a figura do professor dentro da sala de aula, como uma autoridade que saiba reconhecer os casos, tomar providências, intervir, trabalhar o tema como prevenção, transmitir o papel ético, dar o exemplo e desenvolver um ambiente de respeito mútuo.

Dentro da escola, todos devem estar cientes das leis, como a Constituição Federal e

ECA, no que diz respeito aos direitos e deveres dos educandos, para ter consciência de como devem agir. O artigo 70 do Estatuto da Criança e do Adolescente institui: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente”. Portanto, é dever da instituição de ensino encontrar meios que possibilitem a diligência e vigilância na prevenção de ofensas ou danos de qualquer natureza aos seus alunos que possam ocorrer dentro de suas dependências.

Está expresso no Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 18, em relação à proteção do educando: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. “

E no artigo 5º do ECA: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

Causas e consequências, ações e procedimentos de cada envolvido

Existem várias causas e não existe o local mais propício, podendo ocorrer em ambientes pobres ou ricos. Segundo Avilés (2007, apud Frick, 2011) as causas são: culturais, sociais, familiares, escolares, grupais, pessoais. Portanto, são os valores construídos por cada um através do relacionamento com seus colegas e autoridades que conduzirão às condutas de alvo ou autor do bullying.

Para o espectador ativo, a causa maior é ver a agressão como um motivo para se divertir, servindo de incentivo para o agressor. E para o espectador neutro a causa maior é o fato de achar normal a atitude de violência.

Nos estudos realizados por Fante; Pedra (2008, p. 95) constatou-se que 80% dos autores de bullying “atribuíram como causa principal do seu comportamento, a necessidade de reproduzir contra outros os maus tratos sofridos em casa ou na escola”.

As consequências do bullying para os envolvidos

Todos os envolvidos nos casos de bullying podem sofrer consequências; o primeiro sinal é na aprendizagem, que fica prejudicada, podendo influenciar a vida adulta. Melo (2010, p. 42) explica muito bem este fato:

Algumas experiências são menos traumatizantes, outras deixam estigmas para o resto da vida, sobretudo nas vítimas. Nos agressores as consequências podem vitimizá-las no futuro, de acordo com o rumo que sua vida tomar.

O alvo, quando não consegue superar os ataques de bullying, pode se tornar uma pessoa com baixa autoestima, agressiva, com dificuldade de relacionamento, pode usar drogas, cometer suicídio ou homicídio. Pode ter sido o caso de Wellington de Menezes, no bairro de Realengo no Rio de Janeiro. Esse fato ficou conhecido como o Massacre de Realengo, ocorrido em 7 de abril de 2011, pela manhã, na Escola Municipal Tasso de Silveira, quando ele entrou armado com dois revólveres e começou a atirar contra os alunos, falecendo doze deles e logo após suicidou-se. Pesquisas posteriores constataram que Wellington sofreu bullying quando estudava, sofrendo intimidações constantemente e apelidos por mancar de uma perna.

Silva (2010) cita várias doenças e transtornos que podem surgir nos alvos de bullying:

sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo (ou TOC) transtorno do estresse pós-traumático.

Para os espectadores passivos as conseqüências também ocorrem, explica a psicóloga Romaro (2012):

(...) a massa silenciosa de companheiros que de um modo ou de outro, sentem-se amedrontados pela violência que testemunham, são afetados, podendo provocar certa sensação de que nenhum esforço vale a pena na construção de relações positivas.

Acabam tendo a violência como algo normal, ficam insensíveis a situações alheias, se tornam ansiosas, e ficam propensas a sofrer as conseqüências psíquicas.

Ações e procedimentos dos envolvidos

Para vários pesquisadores é fundamental que escola e pais saibam identificar corretamente o papel de cada um dos envolvidos no bullying. A observação dos fatos é fundamental, não podendo se restringir a apenas um dia, mas devendo se estender por um período mais longo.

Segundo Silva (2010), Fante (2005), Fante; Pedra (2008), os envolvidos apresentam os seguintes comportamentos:

Em relação aos alvos, ficam sempre isolados e sem amigos, possuem dificuldades em falar com seus colegas, são sempre os últimos a serem escolhidos em atividades em equipes, possuem aspecto triste e de medo, andam cabisbaixos e apresentam uma autoestima muito baixa; não se interessam pelos estudos e têm queda no rendimento escolar, sempre apresentam machucaduras em seu corpo, querem mudar de sala, não querem ir à escola, inventando constantes desculpas, não aceitam atividades como passeios e excursões com a escola. Estão sempre sem materiais, vivem isolados e não fazem parte da família, evitando diálogos, pedem dinheiro constantemente para levar à escola, sentem sempre dores de cabeça, de estômago e vômito, possuem mudanças de humor repentinas, mudam o percurso para a escola, fazem comentários sobre morte e suicídio;

Em relação ao autor, seus comportamentos habituais são: colocam apelidos, menosprezam, fazem gozações, difamam os outros, são autoritários, fazem ameaças, sempre estão envolvidos em brigas, mexem e pegam materiais dos colegas sem autorização, enfrentam os pais e irmãos com atitudes hostis, querem impor sua autoridade, aparecem sempre com dinheiro e objetos sem justificar sua origem;

Já em relação aos vários tipos de espectadores, seus comportamentos geralmente são: gostam de incentivar brigas e discussões, mostram apoio e simpatia por quem está brigando, ficam ansiosos e temerosos ao ir para escola, o rendimento escolar cai, mostram indiferença em relação à violência.

É importante que os pais procurem a escola e ajuda especializada, quando detectarem que seu filho apresenta indícios de envolvimento com o bullying.

Teixeira (2011) explica que a escola precisa encarar o problema de frente, junto com a família. A escola não pode afirmar que as agressões aos alunos não ocorrem lá dentro, por exemplo. Se uma criança é agredida na saída, a difamação que ela sofre vai acontecer dentro do âmbito escolar, e o rendimento dela irá cair. Enquanto ela estiver na sala de aula já estará ansiosa, preocupada, sem prestar atenção aos professores. Então é responsabilidade da escola sim, é responsabilidade de todos, já que o bullying está em todos os lugares. E pais e

educadores devem andar juntos neste combate.

Assim, toda a escola deve conhecer este fenômeno e saber identificá-lo oferecendo formas de socialização sadia, envolvendo pais, alunos, professores, diretores e membros da comunidade.

Proposta Prática: iniciativas positivas contra o bullying escolar

O bullying tem sido cada vez mais freqüente nas escolas brasileiras. Cerca de 70% dos estudantes do país já o presenciou, segundo pesquisa realizada pela ONG Plan Brasil. As práticas de violência, discriminação e preconceito, vivenciadas pelos alunos no cotidiano escolar têm se apresentado como um grande desafio para os professores, equipe gestora e toda comunidade escolar. Essas práticas, muitas vezes, podem causar dificuldades na aprendizagem e causar traumas ao longo da vida. Com base nessa pesquisa nota-se a necessidade emergente das instituições de ensino em planejar ações e tomar iniciativas para lidar com o bullying. Elas não podem ignorar o problema. Mas o que fazer?

Acredita-se que a prevenção começa pelo conhecimento. É preciso que as escolas reconheçam a existência do bullying.

Sendo assim, a escola como parceira e parte fundamental do desenvolvimento da criança, precisa adotar medidas de prevenção, intervenção e remediação do bullying. Essas medidas podem ser desenvolvidas através de projetos bem elaborados ou iniciativas positivas realizadas pela escola, ações essas capazes de apontar caminhos para a solução do problema. Nessa perspectiva, atuar em prol da prevenção do bullying escolar implica em ir além de campanhas pontuais, grupos de autoajuda ou terapias individuais. É fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa, tais como família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para redução e eliminação da violência no ambiente escolar, a fim de atingir um único objetivo: auxiliar e acompanhar o aluno em seu desenvolvimento físico, mental e social. Os projetos de intervenção e combate ao bullying precisam garantir que as crianças sejam protagonistas dessas ações, que possam construir identidades autônomas e consigam gostar de si para gostar dos outros.

Portanto, é necessário ressaltar que propostas que insistem apenas no estabelecimento de regras pautadas em deveres e obrigações, pouco poderão favorecer o desenvolvimento de relações mais éticas e respeitadas, principalmente quando utilizam punições e castigos. É necessário que as iniciativas de prevenção ao bullying sejam pautadas em atos reflexivos de constantes debates, nos quais a criança possa se colocar como protagonista ativa desse processo, sabendo pensar e agir.

Muito se tem falado e pesquisado sobre as conseqüências e as atitudes a serem tomadas frente a uma ação de bullying, no ambiente escolar. Autores como Fante (2005) e Miranda (2011), têm se preocupado e buscado formular propostas de um programa de prevenção e tratamento do bullying, sugerindo estratégias que vão desde grandes assembléias para discutir os problemas, até exercícios de sensibilização ao outro. Del Rei e Ortega (2011) organizaram diferentes programas, que seguem:

As estratégias de círculos de qualidade que consistem em promover a identificação, análise e resolução de problemas comuns. As estratégias de mediação de conflitos que consistem na formação de mediadores de conflitos, sejam pais, alunos ou professores que atuarão nos momentos de crise. Já a Ajuda entre iguais que consiste na formação de um grupo de crianças que atuem como conselheiros e ajudem outras crianças que sofrem bullying, acolhendo-as em suas dificuldades. Ainda há as estratégias de intervenção social ou o

chamado método de Pikas que partem da descoberta da estrutura do grupo violento e realizam um plano de intervenções sociais, que busca a ajuda dos próprios agressores para atender a vítima, antes de ser atacada. Para isso, são realizadas reuniões individuais, com cada um dos membros. E as estratégias de desenvolvimento da assertividade para vítimas – exercícios de habilidades sociais que podem reforçar a autoestima das vítimas para que elas se defendam de seus agressores. Também há as estratégias de desenvolvimento da empatia para agressores – são processos educativos que tentam restabelecer a sensibilidade emocional das crianças.

É interessante notar que há um avanço no que se refere ao trabalho com bullying. Vemos que há estratégias que incidem sobre as vítimas, sobre os agressores e mesmo sobre os espectadores, fazendo cair por terra uma possível atuação, apenas em função de ajudar aqueles que são alvos de bullying. Podemos entender então, que demos um grande passo. Temos essas atitudes em mãos como ferramentas valiosas que nos permitem abordar a questão de forma inovadora, pois consistem em um guia para lidar com os conflitos, por meio de um conjunto de estratégias educativas e de prevenção. A meta é modificar o padrão de relacionamento entre os atores da comunidade escolar, visando à melhoria da convivência.

A grande questão que fica é “qual a melhor iniciativa a ser usada no combate ao bullying?”

A resposta está em refletir no grande desafio que se estabelece e qual sua necessidade emergente: todas as estratégias são importantes e eficazes, mas precisam de um grande esforço por parte dos professores, para estudá-las e ajustá-las ao que acreditam ser o princípio de uma boa educação: que permitam que as crianças pensem e tomem consciência dos problemas e das soluções e sintam-se importantes e valorizadas dentro dessa ação.

Identificamos então algumas estratégias que podem ser realizadas em sala de aula e que poderão colocar em prática as duas qualidades notadamente humanas para o bom convívio: capacidade de pensar e sentir. Elas seriam: a sondagem junto aos alunos no sentido de saber o que eles entendem sobre o bullying; a exposição de vídeos voltados ao tema, tais como : Elefante (ganhador da palma de ouro em Cannes), Evil, Raízes do Mal (indicado ao Oscar de filme estrangeiro em 2004), Meu Nome é Drillbit Taylor; as leituras e pesquisas sobre o tema; estimular os professores e funcionários para uma possível identificação dos alunos agressores e vítimas da agressão, além do encaminhamento de casos para a direção da escola ou equipe de especialistas; incentivar a discussão do tema em casa; e alertar os pais para que fiquem atentos às mudanças de comportamento de seus filhos.

Segundo Del Rei; Ortega (2002), não existem fórmulas prontas. Em primeiro lugar, porque eles partem do pressuposto de que qualquer intervenção deve ser feita de acordo com o que cada unidade considera ser o seu principal problema. Segundo, porque eles propõem algumas estratégias de alfabetização emocional e de vida em comum que são construídas e aplicadas no dia a dia. Assim, a adaptação das ideias e ações dependem da realidade de cada ambiente e dos indivíduos envolvidos. Mas o que fica cada vez mais claro é que a escola é a grande responsável por essas atitudes inovadoras de desenvolvimento das emoções.

Da mesma forma, acreditamos que a autoestima e as emoções de nossas crianças são conquistas progressivas à medida que são ouvidas; que podem falar o que pensam ou sobre como se sentem em conflito entre pares; quando podem ter uma relação de confiança com as autoridades que não punem, mas que utilizam sanções em que os próprios envolvidos se responsabilizam pelas conseqüências de seus atos.

Quando acostumamos nossas crianças a expressarem o que sentem, estamos permitindo que elas exercitem sensibilidades emocionais que permitem viver bem em comunidade sendo capazes de lidar com os conflitos e desafios do dia a dia.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos da autoridade” já não valem. Em que, para ser-se funcionalmente autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tão-pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2002, p. 13)

Com o diálogo, o professor faz com que os alunos reflitam sobre suas atitudes e as conseqüências que podem gerar, fazendo-os refletir como deveria ser um ambiente escolar onde todos se sintam felizes, seguros e respeitados. Nesse contexto, o educador deixa de apenas educar e é também educado a ouvir, dar atenção e participar das ações, tendo como objetivo mostrar a diferença entre as pessoas, o respeito pelo ser humano, independente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura, bem como nas manifestações culturais, étnicas e religiosas. “Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que se faz sem abertura ao risco e a aventura do espírito”, relatou Freire (2002, p. 77). Assim, poderemos preparar o aluno para se realizar na sociedade em que vive, buscar ser ele mesmo com seus próprios objetivos e expectativas de vida. O incentivo ao exercício da solidariedade é um fator motivador de mudanças, pois estimula a amizade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar. Esta é uma luta incessante de busca motivadora e essencial nos dias atuais.

Considerações Finais

Ao longo desse estudo, percebemos que o bullying é um fenômeno antigo, os atos dessa violência sempre existiram no mundo inteiro.

O problema fundamental é que as pessoas sempre viam e alguns até hoje o vêem como brincadeira própria da idade, mas o bullying possui características próprias, não podendo ser avaliado apenas em uma observação, pois é uma violência contínua e sufocante, acarretando graves conseqüências até a vida adulta, se não tratado devidamente.

É uma violência velada e oculta, somente para a vítima que não consegue contar seu sofrimento para as outras pessoas e nem reagir à situação. Hoje este tema está banalizado, até mesmo pela mídia, quando joga a notícia e conclui tratar-se de um ato de bullying.

A primeira característica é o fato de acontecer entre pares, onde não há hierarquização de poder; a segunda é a repetição de ações sempre no mesmo alvo; a terceira é a intencionalidade em praticar um ato violento; a quarta é o fato de o alvo ser indefeso e de não conseguir reagir e contar para alguém seu sofrimento e por fim, a quinta característica é a presença da platéia que faz o autor sentir-se poderoso e popular.

As práticas do bullying são várias, como agressão física, psicológica, moral, verbal, sexual ou cyberbullying. Todas elas são violências praticadas de forma direta ou indireta. É importante ressaltar que apenas um fato isolado desses acontecimentos não se configura bullying.

O bullying possui suas características próprias, necessitando-se de observação por um período de tempo para conseguir identificá-lo corretamente.

É fundamental também que os professores, a escola e os pais conheçam essas características para serem capazes de agir adequadamente, caso necessário.

É de extrema importância que a sala da aula seja um ambiente democrático de cooperação, no qual os alunos tenham a oportunidade de discutir as soluções para os problemas comuns, como o bullying. A metodologia utilizada precisa abranger desafios, jogos pedagógicos, dramatizações e propostas de atividades para falar de si com afetividade, contribuindo também para uma saudável socialização. As atitudes do professor precisam ser de respeito a todos, sem excluir, sem expor negativamente e sem menosprezar os alunos por motivos variados. O exemplo do professor contribui para um ambiente mais saudável e de respeito.

As leis são necessárias, mas sozinhas não resolvem e nem contribuem para a prevenção do bullying, necessitando de um conjunto de ações entre todos da escola, pais e comunidade. Não procuramos finalizar este tema, através dessa pesquisa teórica, uma vez que é um assunto de inesgotável discussão e reflexão.

Referências

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus Editora, 2005, p. 224.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.132.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRICK, Loriane Trombini. **As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um estudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas**. Dissertação em Educação-Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar pesquisa**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008. p.184.

GOMES, Luiz Flávio. **Bullying: o mais importante é a prevenção**. Disponível em: <<http://www.institutoavantebrasil.com.br>> Acesso em 13 ago 2012.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**; Recife: Edupe, 2010. p. 128.

MIRANDA, Simão da. **Previna o bullying: Jogos para uma cultura de paz**; Campinas, SP: Papyrus, 2011. p. 53.

MONTEIRO, Keila. **Assédio Moral**. Disponível em:

<[www.http://keilamonteiroadvocacia.com.br/assedio-moral](http://keilamonteiroadvocacia.com.br/assedio-moral)> Acesso em 07 set 2012.

ORTEGA, Rosário; DEL REY, Rosário. **Estratégias educativas par a prevenção da violência**. Edição Brasileira Brasília: UNESCO, 2002. p. 169

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas: bullying**.

Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2010. p. 187.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Disponível em:

TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P. **Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução** in: Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, 8º, 2010.

_____. **Estamos em conflito: eu comigo mesmo e com você**. In: CUNHA, J. L; da DANI, L. S. C. (Org.) **Escolas, conflitos e violências**. Santa Maria. UFSM, 2008.

